

**O vídeo popular contemporâneo em Natal –RN:
uma análise comparativa de duas histórias¹**

João Rodrigo Costa de Souza²

Valquíria Aparecida Passos Kneipp³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN

RESUMO

Este artigo propõe a apresentar o estado da arte da pesquisa em desenvolvimento sobre a análise comparativa de duas práticas em vídeo popular no RN. A primeira da década de 80, onde os recursos técnicos eram escassos mas não impediam o desenvolver de tais atividades e a segunda em um movimento viral desencadeado pela internet denominado #ForaMicarla. A questão que norteia a pesquisa questiona o porque usar o vídeo nos processos de lutas populares? Para responder a esta pergunta, objetiva-se problematizar esta questão, comparando as duas experiências históricas recortadas. A fundamentação teórica baseia-se em comunicação popular e alternativa e mídia radical de Festa (1986), Santoro (1989), Peruzzo (2007), Downing (2002), entre outros. O instrumental metodológico mescla o método comparativo da história, a entrevista em profundidade, pesquisa bibliográfica e análise de audiovisual.

PALAVRAS CHAVE: vídeo popular; #foramicarla; práticas sociais; história da mídia.

1. Introdução

O presente artigo trata das pretensões da pesquisa de mestrado em desenvolvimento pelos autores.

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Comunicação Social – Habilitação Radialismo e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Práticas Sociais. E-mail: joaorodrigocs@yahoo.com.br.

³ Graduada em Comunicação Social – Jornalismo – Unesp, com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação Eca/USP. Professora de graduação e pós-graduação da UFRN, email: valquiriakneipp@yahoo.com.br

Brasil. Dois momentos históricos. Práticas sociais semelhantes. Esta é a premissa básica que se visa problematizar. O primeiro momento está na década de 80, quando do surgimento do vídeo popular, onde os movimentos sociais em ascenso – e uma ditadura em descenso – lançam mão das tecnologias disponíveis, no caso videocassetes e câmeras VHS, para se fazer ouvir numa sociedade de regime autoritário. Em Natal, capital do Rio Grande do Norte, algumas experiências surgem neste cenário de vídeo popular, como a TV Memória Popular, TV Gari e TV Garrancho. Estas são experiências que Peruzzo (2007, p. 20) chama de TV de Rua:

Trata-se de uma espécie de TV móvel, mais exatamente de vídeo móvel. Com um videocassete, um telão (ou monitor de TV), amplificador de som e microfone sobre um meio de transporte (caminhão ou Kombi), exibem-se produções em vídeo em diferentes locais públicos. O veículo é estacionado em algum lugar espaço público de grande circulação de pessoas e a população local é convidada a assistir e debater as exibições. Por vezes a exibição ocorre em salões de entidades sociais.

O segundo, já em 2011, é a eclosão, na mesma cidade, de uma movimentação de massas nas ruas (ascenso) e uma administração municipal com índices altíssimos de rejeição⁴ (descenso). A movimentação é denominada #ForaMicarla⁵ e tem por objetivo o impedimento da prefeita do município, Micarla de Sousa (PV). Num contexto de novas tecnologias, onde um aparelho de telefonia móvel, também permite fotografar, filmar e se conectar com o mundo, através da internet, a produção de vídeos pelos manifestantes foi inevitável.

Porque usar o vídeo nos processos de lutas populares? É uma pergunta geradora. O processo de midiaticização da sociedade pode oferecer pistas para esta questão.

⁴ Um blog de uma colunista de política de um dos principais jornais da cidade – a Tribuna do Norte – acompanhou as divulgações das pesquisas, que indicavam um índice de reprovação da gestão da prefeita Micarla de Souza (PV) de 46,75%, em dezembro de 2009; 77,6%, em novembro de 2010; e 84,5%, em março de 2011. Esta última, num período em que os protestos já haviam começado, mas ainda não tinham atingido seu auge. As pesquisas estão disponíveis em: <<http://blog.tribunadonorte.com.br/panoramapolitico/gestao-de-micarla-de-sousa-e-desaprovado-por-4675-da-populacao/46378>>; <<http://blog.tribunadonorte.com.br/panoramapolitico/consult-quase-80-dos-natalenses-reprovam-administracao-de-micarla-de-sousa/54066>>; e <<http://blog.tribunadonorte.com.br/panoramapolitico/administracao-micarla-de-sousa-e-reprovada-por-845-da-populacao/58403>>. Acesso em: 17 jun. 2012.

⁵ A expressão “#ForaMicarla”, na internet é uma hashtag. “No Twitter, o uso de tags precedidas do símbolo *hash* (#) permite posteriormente o acompanhamento das atualizações que contêm essa mesma tag” (RECUERO; ZAGO: 2010, p. 72). A movimentação política ganhou este nome porque foi esta palavra-chave que indentificou os descontentes com a administração da prefeita Micarla de Sousa na internet – ambiente onde ocorreram as mobilizações.

Esta é a hipótese: deve existir condições mínimas para o advento e manutenção de realizações populares de comunicação. Neste caso o vídeo popular.

Porém, as comparações só interessam para encontrar as diferenças. Se “só é proveitoso comparar o realmente comparável” (CARDOSO; BRIGNOLI:1983, p. 414), supõe-se que as semelhanças já estão, mais ou menos, evidenciadas. Destarte, descobrir o peculiar que é mais relevante. No caso em questão, acredita-se que a influência das novas tecnologias e mídias é a chave para estas descobertas. Por isso este estudo também pretende se debruçar sobre isto.

Dessa maneira, esta investigação enseja oferecer elementos para a compreensão das práticas sociais em relação ao manejo da tecnologia de vídeo pelos grupos populares de movimentação política no seu fazer em vídeo popular.

O problema desta pesquisa é a produção audiovisual realizada pelos movimentos populares [o que Santoro (1989) convencionou, conceitualmente, chamar de vídeo popular] em Natal-RN, durante dois períodos históricos – o final do século XX e início do século XXI e suas relações históricas de permanência e/ou rupturas, proximidades e/ou distanciamentos, continuidades e/ou inovações.

Apesar da proximidade temporal entre os dois momentos, se apresentam como períodos de re-orientações sócio-políticas e econômico-culturais que imprimem especificidades e instigam sua problematização. O primeiro remonta aos fins dos anos 80 e está inscrito no contexto nacional e latino-americano de reascenso das lutas de massas, devido as derrocadas das ditaduras, as crises políticas e econômicas que geraram e as “contradições sociais que levavam parcelas ou toda uma população a buscar formas de conquistar ou reconquistar espaços democráticos negados pela classe no poder” (FESTA, 1986, p. 11). Já o segundo, se inscreve na sociedade contemporânea, inserida em crises econômicas internacionais, crises políticas de representatividade nos mais diversos confins do planeta, que são ampliadas, repercutidas e – parece – determinadas pelo processo de midiaticização (VERÓN, 2004) da sociedade que agenda as relações que se estabelecem neste cenário, provocando ações populares de reação a este contexto.

No Brasil, é importante destacar o intermédio entre estes dois momentos que é o da implementação do neoliberalismo (IANNI apud MORAES. In COUTINHO: 2008, p. 62) no país, consolidada nos anos 90 e início dos anos 2000. Este “entreato” completa o

panorama das transformações que evidenciam as guinadas pelas quais passou o país, caracterizando distinções de contexto histórico em que sucede a problemática desta pesquisa, favorecendo sua comparação (CARDOSO; BRIGNOLI: 1983).

O vídeo popular dos anos 80 é viabilizado pela entrada dos aparelhos de videocassete e, posteriormente, das câmeras portáteis nos mercados dos países periféricos. Contudo, entendemos estas tecnologias, não como determinantes, mas como determinadas pela apropriação social que se faz delas (CARDOSO: 2007, p. 16). Neste sentido, as apropriações que os grupos populares fizeram destas tecnologias é que caracterizam o vídeo popular. Trata-se de “uma proposta comunicacional com bases educativas, voltada para a viabilização da expressão das camadas populares e, como tal, diferenciando-se sobremaneira dos processos manipulatórios verificados nos meios de comunicação de massa.” (CARVALHO, 1995, p. 13). Para Peruzzo (2008, p. 4), trata-se de uma comunicação vinculada aos movimentos que pleiteiam uma mudança social:

Estamos falando, pois, de uma comunicação que se vincula aos movimentos populares e outras formas de organização de segmentos populacionais mobilizados e articulados e que têm por finalidade contribuir para a mudança social e a ampliação dos direitos de cidadania.

Estes movimentos populares dos quais falam estes autores, a sociologia chama de Novos Movimentos Sociais (NMS), dentro da teoria dos movimentos sociais que, entre outros, Scherer-Warren (1996), Gohn (2000), Sader (1988) e Santos (2005) problematizam. Trata-se de uma renovação dos movimentos sociais quem vinham da tradição dos partidos comunistas e do marxismo ortodoxo, com o advento das ditaduras, as lutas populares ganharam um novo fôlego e, conseqüentemente, uma nova abordagem acerca da realidade.

Diante dessa nova realidade [de ditadura e sua superação] que foi se formando, emerge uma pluralidade de novos sujeitos políticos – mulheres, homossexuais, negros, ambientalistas, sem-terra –, com novas práticas sociais e portadores de novas falas, que questionam a ordem estabelecida, e passam a se apresentar como agentes de transformação social. (FOSCHIERA: 2009, p. 62)

Já a produção audiovisual do movimento #ForaMicarla emergiu no momento marco-zero da história das mobilizações através das mídias e/ou redes sociais no Brasil, determinante para sua conceituação, como identifica o jornalista da revista Carta Capital, Leandro Fortes, no I Encontro de Blogueiros Progressitas da Grande Natal, realizado no

IFRN, em março de 2012.⁶ Assim como nas experiências anteriores, as produções comunicativas fazem parte de um todo político dos movimentos populares. São consideradas “meios” e não “fins” no processo político, como frisa Roberto Monte, coordenador no Centro de Direitos Humanos e Memória Popular (entidade que produziu vídeo popular em Natal-RN naquele primeiro período), em entrevista ao autor concedida em julho de 2010. Neste sentido, também é parte do problema desta pesquisa caracterizar, antes, as movimentações sociais denominadas de #ForaMicarla e suas relações com as movimentações sociais do período anteriormente abordado, para, só em seguida, caracterizar sua produção comunicativa, mais especificamente, audiovisual e tentar verificar as permanências e/ou rupturas com o que se chama de vídeo popular.

O que se chama de movimento #ForaMicarla foi um período de mobilizações, protestos e ações políticas que aconteceram nos seis primeiros meses do ano de 2011, em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Estas movimentações aglutinavam diversos atores sociais – principalmente jovens estudantes – com bandeiras de luta também diversas, em torno da rejeição à administração municipal (personificada na figura da prefeita Micarla de Souza) e as reivindicações de seu impedimento.

Apesar de ainda existir um coletivo que se auto-denomina com o nome de #ForaMicarla, mas que já não tomam mais as ruas, consideramos para esta pesquisa aquele período de efervescência acima delimitado.

O fato novo deste processo é o modo pelo qual as mobilizações ocorreram, através das chamadas redes sociais da internet, mais precisamente Twitter⁷ e Facebook⁸, e os seus desdobramentos ulteriores, com a tomada das ruas da cidade, num movimento massivo. Tal fenômeno político tomou grandes proporções e pautou a agenda política da província, chegando, também a ganhar repercussão na opinião pública nacional. Segundo matéria da revista Carta Capital⁹, “foram seis meses de convocação, sempre utilizando o Twitter e o

⁶ Vídeo. Disponível em: <<http://tiagoaaguilar.blogspot.com.br/2012/04/blogprog-da-grande-natal-2012-leandro.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

⁷Para Fragoso; Recuero; Amaral (2011, p. 90-91) “Twitter é uma ferramenta para publicação de micromensagens na qual, originalmente, os usuários são convidados a responder a pergunta 'O que você está fazendo?' em até 140 caracteres. Ali, é possível construir uma página e 'seguir' e ser 'seguido' por outros 'Tweeters'.”

⁸ “Facebook se descreve como 'uma utilidade social' destinada a ajudar as pessoas a se comunicarem mais eficientemente com amigos, familiares e colegas de trabalho, [...] é uma plataforma de aplicações em que as interações entre indivíduos através dessas aplicações criam o conteúdo.” (MCCLARD, Anne; ANDERSON, Ken: 2008)

Facebook, até chegar ao protesto vitorioso. O primeiro de todos os atos, em 30 de janeiro, foi um *flashmob*, ou seja, uma manifestação-relâmpago, no maior shopping da cidade”.

O “protesto vitorioso”, do qual se refere a reportagem, é o período de dez dias em que os/as manifestantes passaram acampados/as no pátio da câmara municipal reivindicando a abertura de uma comissão de inquérito que investigasse irregularidades na administração da prefeita em questão e que foi atendido. Este acampamento foi o ápice de uma série de manifestações que levaram milhares de pessoas para as ruas com esta causa.

O trecho abaixo, retirado de um dos sites que reuniam informações sobre o #ForaMicarla, oferece um panorama da situação de insatisfação:

A população demonstra insatisfação e repudia a atual administração municipal. Através das atuais mídias sociais (Facebook, Twitter, Orkut), milhares de estudantes, trabalhadores e militantes sociais, começam a se auto-organizar, fazendo manifestações, fechando e marchando pelas principais ruas da cidade. Nasce o Movimento #ForaMicarla.

- 25 de maio (mais de 1500 pessoas fecham a av. Salgado Filho e marcham pelas suas proximidades);

- 01 de junho (mais de 2000 pessoas fecham as ruas próximas e saem em marcha do Estádio Machadão em direção à Ponta Negra);

- 07 de junho (mais de 100 pessoas saem em marcha da Pç. Cívica, passam pela prefeitura e chegam até a Câmara Municipal de Natal);

Neste último protesto, os manifestantes decidem de última hora ocupar a Câmara Municipal de Natal (CMN), trazendo suas barracas e outros utensílios. Mais militantes sociais aderem a ocupação, batizada de “Primavera Sem Borboleta” (alusão ao símbolo da prefeita) e a população apoia e contribui de diversas formas com a mesma.¹⁰

Um dos elementos integrantes deste processo de mobilização social é a produção e divulgação de vídeos pelos próprios participantes na internet. Participando das manifestações, as pessoas usavam celulares, câmeras digitais, camcoders, etc., para realização de vídeos que registravam as atividades; produziam conteúdo com suas versões sobre os acontecimentos; faziam a publicidade para as ações seguintes; engendraram contra-informação em relação ao que é transmitido na grande mídia, intrinsecamente vinculada ao poder político local; e ainda foi realizado, durante o acampamento na câmara, transmissões ao vivo do que acontecia lá através de ferramentas da internet. Isto revela uma

⁹ MENEZES, Cynara. O #foramicarla acua a prefeita: mobilização 2 | do Twitter emergiu um dos mais fortes protestos contra um governo. Carta Capital: política, economia e cultura. São Paulo, v. 652, p. 28-31, jun. 2011.

¹⁰ Disponível em: <<http://tomarshampu.tumblr.com/post/7044624980/uma-breve-primavera-sem-borboleta>>. Acesso em: 17 jun. 2012

integração entre o acesso facilitado às novas tecnologias e sua aplicação à rede, concomitante ao conhecimento das operações necessárias para tais realizações por parte de, pelo menos, uma parcela dos integrantes deste movimento.

Diante destes dois cenários, esta pesquisa pretende lançar mão de um arcabouço teórico, técnico e metodológico para relacioná-los e estabelecer “tensões e, especialmente, [...] articulações entre ruptura[s] e continuidade[s]” (RIBEIRO e HERSCHMANN: 2008, p. 21) para a tentativa de compreensão do momento mais recente.

2. A problematização de duas práticas sociais

Com este estudo pretende-se problematizar o fazer contemporâneo do vídeo popular realizado em Natal – RN, tomando por caso de estudo a produção audiovisual do movimento #ForaMicarla, a partir de uma abordagem de história da mídia, comparando analiticamente com o fazer do vídeo popular em Natal – RN da década de 80 e 90, lançando mão de técnicas para coleta de dados da história oral, como a entrevista em profundidade e não-diretiva, além de uma revisão bibliográfica sobre o assunto. A ideia é considerar a compreensão dos produtores de vídeo do movimento sobre o papel de sua produção para aquele processo político enquanto prática e, ainda, fomentadora de práticas sociais, relacionado com uma fundamentação teórica que contribuam para esta compreensão numa dimensão científica. Enseja-se também, discutir sobre o lugar, o papel e as características do vídeo popular nos dias atuais, a partir de aproximações e distanciamentos com as experiências anteriores. Assim como tentar uma compreensão acerca do processo de midiaticização no âmbito da comunicação dos movimentos populares, especialmente, em relação à tecnologia vídeo. Além de evidenciar o papel das novas mídias e tecnologias, especialmente audiovisuais, assim como, das redes sociais da internet, e suas interações, para as atuais movimentações políticas da sociedade contemporânea.

O vídeo popular surge, no Brasil, na década de 80 a partir de um contexto que vinha de uma efervescência dos movimentos populares por motivo de uma conjuntura política e econômica desfavorável, aliado a uma evolução tecnológica, que permitiu o acesso às ferramentas tecnológicas de comunicação. Não encontrando uma possibilidade de expressão nos meios tradicionais, tais movimentos sentiram a necessidade de criar suas próprias alternativas comunicativas, entre elas, o uso do vídeo.

Curiosamente, ou não, vive-se, nos dias atuais, situações análogas, quando problemas políticos e sócio-econômicos assolam o mundo, numa crise global do capitalismo, ao lado de um veloz avanço tecnológico, onde, de pouco em pouco, gerações tecnológicas são superadas.

Se, por um lado, este avanço aumenta o abismo entre os possuidores e os “despossuídos”, onde os primeiros tem acesso ao que é “de ponta”, por outro, favorece o acesso popular às chamadas novas tecnologias e mídias, de complexidade tecnológica menos elevado, por já estar no mercado há mais tempo, produção em alta escala, divisão de trabalho global e, conseqüente, menor preço. Este acesso, mesmo que limitado, possibilita ao, agora, usuário popular produzir conteúdo multimídia de informação e opinião e, ainda, veicular seu material para o mundo, através da rede mundial de computadores.

O interesse que justifica esta pesquisa é, inicialmente, pessoal. Na condição de produtor de vídeo popular, com uma militância e atuação profissional ligada aos movimentos populares, o autor sente a necessidade de aprofundar sua compreensão sobre o assunto – a partir de categorias científicas – e o “imperativo ético”, do qual falava o educador Paulo Freire, de contribuir, desde o seu lugar de reflexão acadêmica, com as causas populares. O próprio Paulo Freire já postulava que a educação é, necessariamente, ideológica, dessa forma, para estudar, seria necessário ter consciência de a favor de quê, contra o quê, a favor de quem e contra quem se estuda (FREIRE: 1996, p. 76-77).

Sendo assim, também se justifica esta pesquisa no sentido de contribuição para o seu objeto de estudo. Tendo em vista a escassa produção acadêmica sobre o tema, portanto, uma reflexão metódica rigorosa, os grupos e movimentos populares ficam com pouco suporte teórico para ampliar o desenvolvimento de seu fazer cotidiano.

Nesse sentido, evoca-se a importância acadêmica deste estudo proposto, ao observar: a) em rápida consulta ao banco de teses da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), encontra-se atualmente apenas 20 teses e dissertações acerca do assunto vídeo popular. Destas, 10 foram realizadas nos anos 2000. Destas, 6 estudam esta atualidade. Uma estuda Natal. E nenhuma relaciona com as novas tecnologias; b) a obra de referência sobre esta temática é trabalho do prof^o Dr. Luiz Fernando Santoro, quando a tecnologia “revolucionária” que impulsionou o processo de vídeo popular era o VHS; c) E o papel da universidade brasileira de problematizar o Brasil

para superação do subdesenvolvimento, colocado pelo antropólogo Darcy Ribeiro (1986), em seu discurso na posse para reitoria de Cristovam Buarque, em 1985.

Além disso, esta pesquisa, também visando a mídia como estrutura de poder e organizadora de práticas sociais, pretende compreender estas práticas no meio popular.

Pretende-se partir para o desafio de realizar uma interface entre comunicação e história, realizando história da mídia. Tais desafios estão apontados pelo trabalho de organização de Ribeiro e Herschmann (2008). Para tanto enseja lançar mão do método comparativo da história, apontado em Cardoso e Brignoli (1983). Porém, para fazer as comparações são necessárias técnicas. Pretende-se fazer uma breve revisão bibliográfica e empreender uma história oral (THOMPSON: 1992) deste processo. Destarte, para colher os dados empíricos enseja-se realizar entrevistas com os realizadores de vídeo popular, do tipo em profundidade de Duarte (2005), não-diretiva em Thiollent (1987) e levar em conta as considerações de Bourdieu (2007) sobre a entrevista em seu trabalho sobre “A miséria do mundo”. Dentro do universo da internet, pretende-se realizar uma abordagem etnográfica como em Fragoso; Recuero; Amaral (2011, p. 167-203).

Ao almejar estudar a produção comunicativa em audiovisual de um movimento de contestação do poder vigente, através do uso de novas tecnologias em relação às redes sociais, percebe-se a mídia “como instância articuladora e estruturante de práticas sociais que se dão pela mediação de dispositivos sócio-técnicos” e “organizadora de processos societários nos contextos sócio-culturais do seu âmbito de repercussão”. Assim como, quando se propõe analisar as compreensões que os produtores tem de sua produção “examina-se o papel central da comunicação midiática – seus atores, processos, produtos e suas estratégias de interação – na construção das práticas de outros campos sociais”.

A fundamentação teórica para a dissertação proposta vai partir das elaborações acerca da comunicação popular e alternativa, também chamada de mídia radical por Downing (2002), no Brasil e América Latina, nos estudos de Festa e Silva (1986) e de Grinberg (1987). Em seguida, tratar da ferramenta vídeo com Almeida (1985), Bourdieu (1997) e Machado (1997), para poder dissertar sobre o vídeo popular e as contribuições políticas e sociais que essas práticas comunicativas trazem para a sociedade, lançando mão de Santoro (1989), Sacramento (2008), Peruzzo (2007) e Carvalho (1995), com toda a contribuição específica que traz, a última, ao estudar o processo de vídeo popular em Natal

– RN. Para dar suporte ao diálogo sobre vídeo popular, que é vinculado aos movimentos populares, pretende-se ir até a sociologia, no tocante aos movimentos sociais, para entender suas dinâmicas, ousando usar o conceito de Novos Movimentos Sociais, como em Scherer-Warren (1996), Gohn (2000), Sader (1988) e Santos (2005). E, para articular essas relações políticas com a comunicação, já trazendo para as problemáticas atuais, onde o presente estudo quer chegar, tratando das novas mídias e tecnologias, conta-se com as elaborações teóricas de Dantas (1999), Lima (2006) e Cardoso (2007).

Além disso, parte-se do pressuposto que o vídeo popular se insere numa comunicação contra-hegemonica, para tanto, é em Lins da Silva (1982) e as contribuições que dão Baldelli (1972) e Fadul (1982) no referido texto, em Mc Bride (1983), em O’Sullivan (2001) e no trabalho organizado por Coutinho (2008) que se busca o suporte teórico.

Para contribuir na compreensão do vídeo popular na atualidade, pretende-se, ainda, fazer uso das elaborações teóricas produzidas ou organizadas pelos próprios atores envolvidos neste processo como, por exemplo em Coletivo de Vídeo Popular – São Paulo (2009 e 2010) e Pontão de Cultura Rede Cultural da Terra (2009).

Além disso, pretende-se trazer Baudrillard (2006) para a discussão no sentido de problematizar a questão da miniaturização das tecnologias e a alienação do homem em relação a estes objetos, problematizando com Latour (2006), que não considera a técnica e o homem de realidade diferentes, por isso deve ser tratados cientificamente sob o mesmo prisma. E ainda colocar o Verón (2004) com suas contribuições acerca da midiatização.

Considerações Finais

Entende-se as limitações do projeto apresentado, principalmente, no tocante às questões metodológicas e de fundamentação teórica. É importante ressaltar que o mesmo encontra-se em fase inicial.

Neste momento é importante registrar a validade, a pertinência e a coerência da pesquisa, devido às suas características específicas, que visam trazer o vídeo popular ao debate acadêmico, desde as suas origens no Brasil, nos anos de 1980, e, ainda, apresentar a sua nova versão, em tempo de convergência midiática.

Uma pesquisa histórica, participante, seguida de uma análise comparativa destes dois momentos, onde se encontra inserido o vídeo popular, contribuirá para a maior reflexão e entendimento da comunicação popular, como uma prática viva na sociedade contemporânea.

Referências

ALMEIDA, Candido José Mendes de. **O que é vídeo**. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, 63).

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CARDOSO, C. F. S.; BRIGNOLI, H. P. O método comparativo na história. In: _____. **Os métodos da história: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CARVALHO, Josilda Maria Silva de. **Vídeo popular: a concepção e a prática comunicacional de grupos vinculados ao movimento sociais e populares em Natal**. 1995. 212 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.

COLETIVO DE VÍDEO POPULAR – SÃO PAULO. **Revista**. Vol. 1 a 5. São Paulo, 2009 a 2010. Disponível em: <<http://videopopular.wordpress.com/revista/>>. Acesso em: 11 nov. 2001.

COUTINHO, Eduardo G. **Comunicação e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

DANTAS, Marcos. Capitalismo na Era das Redes: Trabalho, Informação e Valor no Ciclo da Comunicação Produtiva. In: LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (orgs.). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DOWNING, J. D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Ed. Senac, 2002.

FERNANDES, Florestan. Movimento socialista e partidos políticos. In: BOGO, Ademar (org.). **Teoria da organização política III: escritos de Sun Tzu, Maquiavel, Clausewitz, Trotsky, Giap, Fidel Castro, Carlos Fonseca e Florestan Fernandes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008 (385-435).

FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (orgs.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986.

FOSCHIERA, Atamis Antonio. **Da barranca do rio para a periferia dos centros urbanos: a trajetória do Movimento dos Atingidos por Barragens face às políticas do setor elétrico no Brasil**. 2009. 344 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 76-77.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

GRINBERG, Máximo S. (Org). **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

LATOUR, Bruno. **Como prosseguir a tarefa de delinear associações?**. Configurações, no 2, 2006, pp. 11-27.

LIMA, Venício A. de. Comunicação, poder e cidadania. **Rastros**: revista do Núcleo de Estudos de Comunicação - NECOM. Vol. 7, n. 7, 16 out. 2006. Palestra. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rastros/article/viewFile/6009/5475>>. Acesso em: 03 mar. 2011.

LINS DA SILVA, Carlos E. **Comunicação, hegemonia e contra-informação**. São Paulo: Cortez; Intercom, 1982.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. 3. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MC BRIDE, Sean. **Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

MCCLARD, Anne; ANDERSON, Ken. Focus on Facebook: Who Are We Anyway?. **Anthropology news**. In focus. American Anthropological Association, p. 10-12, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.aaanet.org/issues/anthronews/upload/49-3-McClard-and-Anderson-In-Focus.pdf>>. Acesso em 29 jun. 2012.

MENEZES, Cynara. O #foramicarla acua a prefeita: mobilização 2 | do Twitter emergiu um dos mais fortes protestos contra um governo. **Carta Capital: política, economia e cultura**. São Paulo, v. 652, p. 28-31, jun. 2011.

MORAES, Denis de. Comunicação alternativa em rede e difusão contra-hegemônica. In: COUTINHO, Eduardo G. **Comunicação e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. p. 62.

O'SULLIVAN, Tim. et al. **Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura**. Piracicaba, SP: Unimep, 2001.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. In: INTERCOM, 2008, Rio Grande do Norte. **Anais eletrônicos...** Rio Grande do Norte: UFRN, 2008a. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2012.

_____. **Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PONTÃO DE CULTURA REDE CULTURAL DA TERRA (org.). **Cadernos das Artes: estudos sobre o audiovisual e a construção da realidade.** São Paulo: CEPATEC, 2009.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. RT, por favor: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos.** UNISINOS, v. 12, n. 2, p. 69-81, mai./ago. 2010. Disponível em: <<http://www.frenteiras.unisinos.br/pdf/88.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. (org.). **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens.** Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **Universidade para quê?.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

SACRAMENTO, Igor. **Depois da revolução, a televisão: cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970.** 2008. 320 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação – ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTORO, Luiz Fernando. **A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil.** São Paulo: Summus, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os novos movimentos sociais. In: LEHER Roberto; SETÚBAL, Mariana (org.) **Pensamento crítico e movimentos sociais.** São Paulo: Cortez, 2005 (174-189).

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais.** São Paulo: 2a ed., Edições Loyola, 1996.

THIOLLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1987.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VERÓN, Eliseo. As mídias na recepção: os desafios da complexidade. In: _____. **Fragments de um tecido.** São Leopoldo-RS: Ed. Unisinos, 2004, p. 273-284.